

ESTÁGIO SUPERVISIONADO ENQUANTO EXPERIÊNCIA DE ESTAGIÁRIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

RESUMO

Viviane Melo Santos Sobral

vivianemelo.ufs@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8264-5448>

Programa de Pós-Graduação em
Geografia - PPGEQ, Universidade Federal
de Sergipe, Itabaiana, Sergipe

Karine dos Santos Sobral

karine_sobral@hotmail.com.br

<http://orcid.org/0000-0001-5406-5318>

Universidade Federal de Sergipe,
Itabaiana, Sergipe

O presente trabalho tem como objetivo analisar a partir das nossas experiências, o caminho percorrido no processo de ensino-aprendizagem vivenciado no Estágio. Foi relevante a experiência de estar em contato com o ambiente da sala de aula, sobretudo vivenciar no cotidiano escolar dos alunos algumas dificuldades, como a estrutura da escola, a fim de desenvolvermos nossa prática docente em articulação da teoria com a prática. Visto isso, partimos nossa discussão através de temas norteadores que explicam a complexidade existente no campo de estágio, são eles: os conteúdos, a relação professor-estagiário-aluno, a sala de aula e as práticas pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; Prática pedagógica; Estágio; Educação.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a partir das nossas experiências, o processo de ensino-aprendizagem, evidenciados durante a disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia II realizado no período de 15 de agosto a 13 de setembro de 2016, na turma 9º ano, do Colégio Estadual Professor Nestor Carvalho Lima, localizado no município sergipano de Itabaiana . (Figura 01).

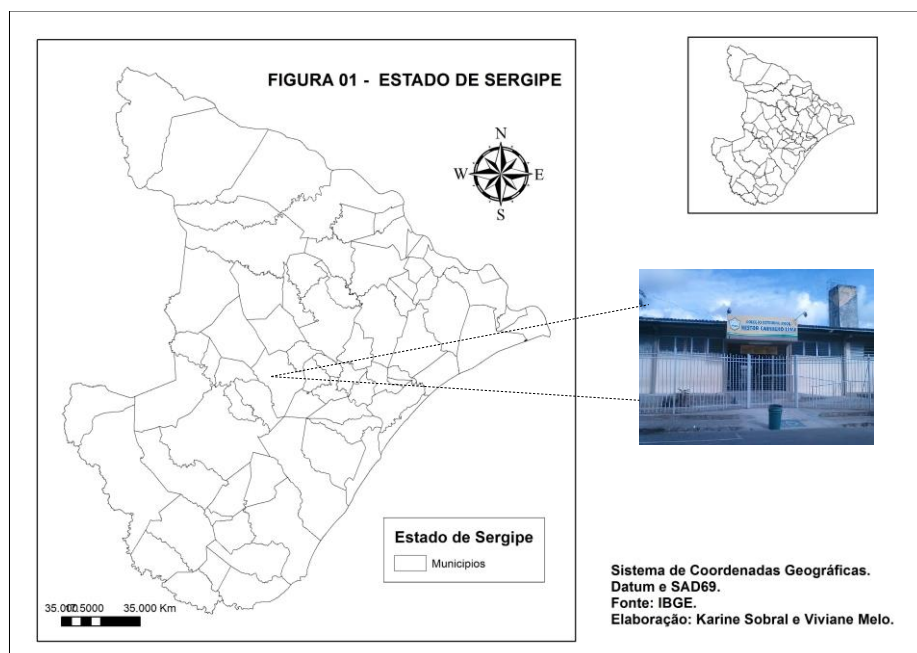


Figura 01 - Mapa do Estado de Sergipe.

Fonte: Adaptado por Karine Sobral e Viviane Melo, 2016.

No caminho percorrido que compreendeu o nosso Estágio, foi de extrema relevância a experiência proporcionada por estar em contato com o ambiente da sala de aula, o nosso campo de trabalho e os alunos. O principal desafio se constituiu em articular a teoria com a prática.

A solução do dilema demanda outra formulação teórica que supere essa oposição excludente e consiga articular teoria e prática, assim como professor e aluno, numa unidade compreensiva desses dois pólos que, contrapondo-se entre si, dinamizam e põem em movimento o trabalho pedagógico. (SAVIANI, 2008, p. 109).

As leituras acumuladas na graduação bem como outras pesquisadas nos deram os instrumentos necessários para desenvolvermos nossa prática docente, como bem nos lembra Pimenta e Lima (2008), “[...] que a teoria é indissociável da prática [...]”.

(1) Localiza-se na Praça General João Pereira, Centro de Itabaiana.SE. E-mail: eepncl.seed@seed.se.gov.br. Contato: (79) 3431-8420.

Partindo das nossas experiências vivenciadas no contexto escolar, propomos uma contextualização entre temas comuns e norteadores que atravessam o processo de ensino-aprendizagem e explicam a complexidade existente no campo de estágio, citamos quatro: os conteúdos, a relação professor-estagiário-aluno, a sala de aula e as práticas educativas.⁽²⁾

OS CONTEÚDOS

Durante o período que estivemos no campo de trabalho, procuramos fielmente que nossas aulas⁽³⁾, as quais trataram sobre o Oriente Médio, estivessem voltadas seguindo uma perspectiva crítico-reflexiva dos conteúdos. A fim de problematizar os conteúdos então recorrentes, decidimos promover a reflexão, porque “possibilita responder com situações novas às situações de incerteza e indefinição” (PIMENTA E LIMA; 2008, p. 48). Para isso, se fez necessário a participação e o envolvimento intenso dos alunos.

Iniciou-se, conhecendo o amplo temário que abarca o Oriente Médio, tendo como ponto de partida a sua história que compreende o processo de formação do território, seus limites de fronteiras e a localização em diferentes escalas, por exemplo. Para isso, fora solicitado aos alunos que falassem através dos conceitos⁽⁴⁾ o que sabiam e que outrora ouviram falar sobre essa porção territorial do espaço geográfico.

Conforme Cavalcanti (2013):

O processo de ensino busca o desenvolvimento, por parte dos alunos, de determinadas capacidades cognitivas e operativas, por meio da formação de conceitos sobre a matéria estudada. Para tanto, reque-se o domínio de conceitos específicos dessa matéria e de sua linguagem própria. (CAVALCANTI, 2013, p.88).

Diante disso, tais conceitos expressados pelos alunos foram utilizados para introduzir o assunto, sempre com a preocupação e compromisso de seguir a perspectiva da criticidade do conteúdo ideológico que os conceitos trazem. Desse modo, a proposta consistiu em valorizar o conhecimento prévio dos sujeitos em aproximação voltada para o seu cotidiano, uma vez que, “o papel social, enquanto educador, é ajudar a mediação aluno-conhecimento-realidade⁽⁵⁾”. O conhecimento geográfico de longe deve recorrer aos métodos tradicionais, memorizadores e decorebas em convalidação para tal superação.

Seguindo uma ordem de organização do conhecimento sistematizado, como observa Libâneo (2001), propomos a compreensão “[...] de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades, através dos quais os alunos aprimoram capacidades cognitivas [...]” para que o processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos possa ser mediado de maneira que sejam apreendido os conteúdos.

(2) Optamos por desenvolver apenas quatro dos temas comuns e norteadores, os quais, além disso, possui um peso substancial no processo interpretativo que abarca o contexto da Educação Básica, vivenciado em período de Estágio.

(3) As aulas foram distribuídas em doze aulas, exclusivamente em turno matutino, em quatro semanas. Sendo que, a cada semana, foram ministradas três aulas. Essas, por sua vez, subdividiam-se em: uma aula na segunda-feira (o 2º horário – das 7:50 mim às 8:40 mim) e duas na terça-feira (3º horário – 8:40 mim às 9:30 mim; 4º horário – 9:45 mim às 10:35 mim).

(4) Sentimos a necessidade de extrair e provocar por meio do debate, os conhecimentos prévios dos alunos, para assim, propor a sistematização com o conhecimento científico, de forma a enriquecer o processo de ensino. Sem perder de vista, suas implicações e rebatimentos na sociedade.

Partiu-se portanto, para abordagem dos aspectos físicos da paisagem em estreitas e íntimas relações com a dinâmica da ação ativa antrópica na natureza, trazendo para debate os seguintes questionamentos:

- I. Como o ser humano interfere nesse processo?
- II. Quais as consequências ambientais de sua interferência?
- III. Qual a finalidade de explorar os recursos naturais?
- IV. Nas relações de poder, quais interesses estão por traz de tal exploração?

Nessa discussão, ao tratar sobre a dinâmica econômica do Oriente Médio buscamos mediar o conhecimento de maneira contextualizada entre as escalas

local/regional/global. Isso significa em outras palavras, encarar o conhecimento cotidiano com vistas para o mundo, em abrangência do espaço geográfico, pois "... um lugar se define como um ponto onde se reúnem feixes de relações ..." (SANTOS, 1997, p. 62).

Mesmo sendo o Petróleo, o principal recurso natural responsável por movimentar a economia do Oriente Médio, existem outras atividades influentes para o capital, como a indústria têxtil e a agricultura. Além disso, provocamos debates que convergem para o entendimento de uma economia em articulação e dependência de produtos comerciais provenientes de outras regiões; bem como dos interesses, os quais, em muitos casos, entram em conflitos, sobretudo, quando envolvem o poder de influências das economias hegemônicas.

Nas discussões que envolveram o tema da população no Oriente Médio, foi preciso reforçar a ideia de diversidade, porque existe um discurso homogeneizador e unilateral que reduz e simplifica toda uma diversidade existente de povos. Demostramos ainda, como a dinâmica populacional se relaciona com a diversidade étnica e religiosa; representada através desde os povos antigos, como os persas; até os povos judeus e os curdos. Desta maneira, a distribuição desses povos, está intimamente ligada às disputas territoriais e de poder das classes dominantes.

No que concerne aos conflitos no Oriente Médio, o principal objetivo foi o de desnaturalizar e desconstruir a seguinte ideia: todo aquele que adota a religião Islâmica, é terrorista. Para além disso, os conflitos decorrentes nesse território, remetem a acontecimentos que outrora nos fazem lembrar de um período marcado pela exploração e pela dominação europeia. Por isso, os debates não podem ser reduzidos aos acontecimentos do presente.

Por isso que de acordo com Oliveira (2009), o planejamento passa a ser visto como necessário e indispensável ao desenvolvimento social. Assim, é preciso planejar, definir objetivos, traçar metas considerando a flexibilidade e a realidade diversa, sem o qual não seria possível desenvolver-se uma ação docente preocupada com a aprendizagem dos sujeitos.

(5) Ver: BARBOSA, M. S. S. O PAPEL DA ESCOLA: Obstáculos e Desafios para uma Educação Transformadora. 2004. 234 f. Tese (Mestrado em Educação) - FACED - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

2.1. A RELAÇÃO PROFESSOR-ESTAGIÁRIO-ALUNO

“Antes de ser profissional do magistério e lecionar uma determinada disciplina, o professor é uma pessoa que tem as marcas de sua história de vida e de sua experiência individual e coletiva.”

Na análise de Castrogiovanni (Ogr.):

Ensinar exige coragem de ousar em atitudes que valorizem o educando como sujeito repleto de experiências de vida, com curiosidades sobre o mundo em que vive, capacidade criativa e com potencial para despertar um olhar inquieto sobre a vida. Esta coragem está na postura coerente com a prática, na busca de novas metodologias, que não considerem o educando como mero receptor de verdades absolutas, mas como um sujeito que cria, que pode transformar e tecer dúvidas. (CASTROGIOVANNI (ORG.), 2007, p. 22)

Evidentemente, que uma boa relação em sala de aula, não se faz plena, sem a participação dos alunos nas aulas; mesmo que de início demonstrem certa timidez e até indiferença. O aluno enquanto sujeito da aprendizagem e o professor mediador do conhecimento, caminham juntos para a emancipação e a liberdade. A ação docente está intrinsecamente associada com aquilo que pensamentos, conseqüentemente se materializa no nosso agir em coexistência com as experiências na busca pela valorização do conhecimento, conduzindo-o para o resgate da “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber” conforme o artigo 3º, inciso II da Lei de Diretrizes e Bases - LDB.

E, talvez, sejam justamente, afeto e emoção que fazem com que nossos alunos nos ouçam com atenção ou não. Ou seja, a parte racional de ser professor de Geografia (tanto faz a disciplina) está diretamente vinculada ao que pensamos, dizemos e fazemos no campo de nossos valores, de nossas crenças, de nossas preferências que, como vimos, nem sempre são racionais, e mesmo se racionais, nem sempre são demonstráveis ou provadas lógica ou racionalmente, dependendo de nossos desejos que, estes sim, nos levam a ação. (KAERCHER, 2014, p.5)

Desta forma, a cada aula, os alunos demonstraram acolhimento, confiança, segurança e participação. Foi através do envolvimento nas discussões e debates que os questionamentos dos alunos tendiam para a apreensão crítica dos conteúdos “... visando sua autonomia no processo de aprendizagem e independência de pensamento.” (LIBÂNEO, 1994, p. 71).

2.2. A SALA DE AULA

O espaço da sala de aula, se constitui no “[...] encontro entre professores e alunos com suas histórias de vida, das possibilidades de ensino e aprendizagem, da construção do conhecimento compartilhado.” (PIMENTA E LIMA, 2008, p. 156).

Por isso, deve ser lido para além dos limites que contornam as fronteiras da formalidade, já que não está atribuída à escola, exclusivamente, a tarefa educativa, pois adquirimos educação em outros lugares.

Se por um lado é no espaço escolar que adquirimos educação formal, o conhecimento científico sistematizado. Por outro, podemos adquirir educação, porém não formal na esquina, no hospital, nas ruas, no shopping, nas praças, a mídia etc. Esses espaços, estão marcados por ideologias que permitem formar e debater opiniões.

“Buscar, dentro dos nossos imensos limites de mudança e ação, o potencial transformador e formador da sala de aula na promoção de alunos reflexivos, éticos e solidários deve ser nossa ação constante”. (KAERCHER et al, 214, p.2). A sala de aula deve potencializar a reflexão e liberdade do pensamento. Assim, é preciso que o professor busque aproximar o conhecimento a ser mediado, tomando como referência prática a realidade de seus alunos, de forma a perceber suas dificuldades e desejos; sendo portanto, um facilitador no desvelar da realidade posta já que “a sala de aula é um espaço, pois, de aprendizagem coletiva.” (MIRALHA, 2008, p. 19).

Em termos de estrutura, o colégio deixa a desejar, já que não comporta de maneira satisfatória a quantidade de alunos. A turma do 9º ano contém 46 alunos, amontoados numa sala minúscula. (Figura 02).



Figura 02 - Desproporção do ambiente para a quantidade de alunos.

Fonte: Santos e Sobral, 2016.

Nesse contexto, observou-se a limitação em realizar determinadas práticas a fim de promover melhor compreensão do conteúdo. Soma-se a isso, a falta de climatização, já que as salas são fechadas, contendo ventiladores mínimos e insuficientes. Essas dificuldades não estão restritas ao ambiente da sala de aula; pois abrangem todo o colégio e dificulta o processo de ensino-aprendizagem, logo que os alunos não possuem um ambiente favorável ao desenvolvimento do conhecimento. Por isso que “os agentes do processo de ensino-aprendizagem, alunos e professores, pertencem a um meio social, pelo qual são influenciados e, no qual, certamente, exercem influências.”

⁽⁷⁾ SANTOS, Laudénides Ponte dos. A Relação da Geografia e o conhecimento cotidiano contido no lugar. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 16, n.3 p. 107-122 set./dez. 2012. | ISSN 2236-4994

2.3. A PRÁTICA PEDAGÓGICA

“[...] somente uma prática pedagógica que possibilite o conhecimento da realidade social situa os sujeitos na dimensão de descobridores e indagadores da realidade”. (BARBOSA, 2004, p. 217). A fim de alcançar os objetivos traçados quanto a apreensão do conteúdo nas aulas ministradas, ressaltamos que “os conceitos não devem anteceder os conteúdos. Estes devem propiciar que os alunos construam os conceitos.” (KAERCHER, 1996, p. 111). Utilizamos uma variedade de práticas educativas, são elas:

- a) Textos introdutórios que discutiam as principais características do Oriente Médio; a fim de trabalhar além da leitura e compreensão dos textos, o questionamento e o debate anunciados numa “indissociabilidade entre a parte e o todo, que estão conectados, de modo multidimensional.” (RAMOS, 2016, p. 79). Voltadas dessa maneira para a discussão dos contextos socioculturais, políticos, econômicos e ambientais; b) Análise de paisagens com o intuito de explorar a capacidade em relacionar o que está visível e o invisível nos discursos. Supõe referir que “el paisaje atrae un amplio número de contenidos, donde se interrelacionan los rasgos identitarios con las actividades humanas.” (VEJA, 2016, p.18); c) Representação de fontes visual (mapas) pois entendemos que se constitui num instrumento pedagógico indispensável para ler o mundo e “... para o aluno, a Geografia tem muito a ver com mapa, para conhecer e localizar lugares diferentes e diversos ...” (CAVALCANTI, 2013, p. 134), e áudio visual (filme “O Príncipe do Deserto”); com propósito de analisar com criticidade os temas que são e/ou podem ser representados com diversas finalidades, sobretudo comerciável; d) Palavras-chave ou chuva de ideias objetivou promover uma reflexão dos conteúdos trabalhados a partir de palavras geradoras de significados, as quais oferecem a expressão de um entendimento dos alunos acerca de uma problemática conhecida ou não; e) Representação das Nações consistiu em demonstrar por meio da confecção de mini bandeiras de países dominadores, o controle colonial territorial e as relações de força e de poder que esses exercem uns sobre os outros; f) Textos Jornalísticos tendo como finalidade desenvolver a capacidade crítica em analisar discursos disseminados sobre determinado assunto pela mídia manipuladora e defensora da classe dominante. “Até porque é preciso estimular uma leitura menos ingênua das matérias dos meios de comunicação, tamanho o grau de manipulação e distorção que não raro, elas trazem.” (KAERCHER, 1996, p. 110).

Do ponto de vista geográfico, a prática pedagógica corroborou para tornar as aulas mais interessantes e atrativas, sobremaneira empenhada com uma consciência reflexiva nos alunos para além do aparente exposto enquanto verdade exclusivamente absoluta. Isso recai em propor uma atividade diferente, porém tendo como primordial objetivo, levar o aluno a refletir criticamente sobre os conteúdos, na busca pela aproximação a sua realidade. (Figura 03).



Figura 03 - Alunos em atividade de grupos, 9º ano.

Fonte: Santos e Sobral, 2016.

CONCLUSÕES

“[...] toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina ...” (FREIRE, 2002, p. 77-78). Mesmo com todas as dificuldades existentes no processo de ensino, conseqüentemente em nossa prática educativa; perpassando desde os elementos de estrutura, climatização e salas superlotadas; até o contato inicial e desafiador com o campo de estágio, alcançamos os nossos objetivos a cada aula proposta. Isso porque, estivemos dispostas a desenvolver um trabalho que levasse em consideração o comprometimento com a aprendizagem consciente das questões sociais que permeiam a complexidade do ambiente escolar.

Para Pimenta e Lima (2008), o estágio se faz necessário nos cursos de licenciatura, pois traz a ideia da complexidade que envolve o ambiente escolar, além disso prepara o estagiário para o caminho profissional escolhido. Portanto, os desafios serviram para nós, como motivação e inspiração pra continuarmos insistindo na docência, sobretudo, lutar pela defesa da educação pública e de qualidade para aqueles que ao longo da história estiveram marginalizados do conhecimento.

SUPERVISED INTERNSHIP WHILE EXPERIENCE OF TRAINEES IN FUNDAMENTAL EDUCATION

ABSTRACT

The present work has as goal analyze starting from our experiences, the way runninged through in the teaching-learning vivenciado process in the Apprenticeship. It was important the importance of being in touch with the class room environment, above all vivenciar the school everyday ds students some difficulties, like the school structure, in order to develop our educational practice in theory articulation with the practice. Seen that, we leave our through common themes and norteadores that explain the existing complexity in the apprenticeship field, they are: The contents, the relation teacher-estagiáriária-student, the class room and the pedagogical practices.

KEYWORDS: Teaching; Pedagogical practice; Estágio; Education

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. S. S. O PAPEL DA ESCOLA: Obstáculos e Desafios para uma Educação Transformadora. 2004. 234 f. Tese (Mestrado em Educação) - FAGED - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). Rossato, Máira Suertegaray. Et al. Ensino da Geografia: caminhos e encantos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. Disponível em: <http://www.ub.edu/> Acesso em: 10 nov. 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KAERCHER, Nestor André. A Geografia é o nosso dia-a-dia. Boletim Gaúcho de Geografia. Associação dos Geógrafos Brasileiros, Porto Alegre, 1996, nº 21, p. 7-192. Portal de Periódicos UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

KAERCHER, Nestor André; TONINI, Ivaine Maria; COSTELLA, Roselane Zordan; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Espaços de Controle na Geografia Escolar. In: XIII COLOQUIO INTERNACIONAL DE

GEOCRÍTICA EL CONTROL DEL ESPACIO Y LOS ESPACIOS DE CONTROL, 2014, Barcelona. Anais eletrônicos... Barcelona, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

MAGALHÃES, Cláudia... [et al.]. Perspectiva Geografia. 2 ed., 240 p., São Paulo: Editora do Brasil, 2012. (Coleção Perspectiva). ISBN 978-85-10-05176-7.

MIRALHA, Jussara Oliveto. A prática pedagógica dos professores do ensino fundamental na perspectiva da educação de qualidade para todos. 2008. 252 p. Tese (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP/ Campus Presidente Prudente, São Paulo.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. (Org.). Gestão Democrática da Educação: desafios contemporâneos. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RAMOS, Roberto José. A educação e o conhecimento: uma abordagem complexa. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; TONINI, I. M.; KAERCHER, N. A.; COSTELLA, R. Z. (Orgs.). Movimentos para ensinar geografia – oscilações. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016. cap. 4, p. 73-83.

SANTOS, Laudenides Ponte dos. A Relação da Geografia e o conhecimento cotidiano contido no lugar. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 16, n.3 p. 107-122 set./dez. 2012. | ISSN 2236-4994

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

VEJA, Alfonso García de La. La narración del paisaje y su relación con la adquisición de los conceptos geográficos. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; TONINI, I. M.; KAERCHER, N. A.; COSTELLA, R. Z. (Orgs.). Movimentos para ensinar geografia – oscilações. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016. cap. 1, p. 17-30..

Recebido: 2016/11/28

Aprovado: 2020/03/20

DOI: 103895/recit. V11n 26.5081

Como citar: SOBRAL, V.M.S. & SOBRAL, K, M.S.; R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol, Medianeira, v. 11. n. 26, p. 1- 12, jan/abr, 2020 Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/recit>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Karine dos Santos Sobral.

Rua Capitão José Ferreira, nº 232, Itabaiana Sergipe, Brasil, Cep: 49500-000)

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0 Internacional.

